



LHM

AS LINHAS DE *TORTO ARADO*: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS NA NARRATIVA DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Caroline Dias Rosa*¹

*Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
e-mail: carolinedias_rosa@hotmail.com

Matheus Menarim Moers*²

*Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
e-mail: matheusmena.m13@hotmail.com

Resumo: *Torto arado* (2019), do autor Itamar Rangel Vieira Junior – doutor em Estudos Étnicos e Africanos, é um romance premiado, que explora temas como liberdade, servidão, trabalho e resistência em uma comunidade quilombola no interior da Bahia, a fazenda Água Negra. Mergulhando na trajetória das duas protagonistas, as irmãs Bibiana e Belonísia, o autor traz uma reflexão e um lembrete de que sujeitos, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, carregam consigo as marcas históricas de um passado brutal que ecoam nas estruturas sociais contemporâneas. O artigo discute a representação da mulher no romance, destacando a perspectiva interseccional e a resistência das personagens femininas, além de abordar a relação do livro com o regionalismo brasileiro, explorando as transformações do gênero literário e sua relevância para as discussões contemporâneas. A análise se estende à história social do trabalho, evidenciando as experiências e resistências dos trabalhadores quilombolas na luta por justiça e liberdade, em meio às relações de servidão e opressão ainda presentes na sociedade brasileira. Dessa forma, é imperativo reconhecer ainda hoje a falta de políticas públicas que assegurem a justiça e a verdadeira liberdade dos povos afrodescendentes e indígenas, evidenciando a necessidade urgente de ações que promovam a equidade e a preservação da diversidade cultural. Mesmo existindo diversas pesquisas sobre o livro, destacamos que há ainda muito a se debater sobre, sendo possível ampliar ainda mais a compreensão das questões sociais e culturais apresentadas pelo autor.

¹ Licenciada e Laureada em História (2023) e Bacharela em Ciências Biológicas (2017), ambas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em 2019 e 2020, pesquisando cinema e literatura de Ficção Científica, atualmente pesquisa as conexões entre o escritor Frank Herbert (*Duna*) e o ambientalismo estadunidense. Atuou como estagiária no Museu Campos Gerais (MCG) na função de auxiliar de Acervo Documental (2021-2022). É integrante do Núcleo de Pesquisas em História Intelectual do Programa de Pós-graduação em História/PPGH da UEPG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0169935555447654>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3857-9794>.

² Licenciado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Atualmente mestrando no Programa de Pós-graduação em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), vinculado ao núcleo de pesquisas em História Intelectual. Tem experiência em mediação museal, educação não formal, e desenvolvimento de pesquisas educativas em museus. Desenvolve pesquisas na área de história e literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia e ficção literária, com foco em literatura de horror e de fantasia; literatura lovecraftiana; Conan o cimério; Machado de Assis; e questões étnico-raciais na literatura. Também tem interesse em pesquisas na área de teoria e historiografia; teoria da literatura; literatura brasileira. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8152056462851160>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1740-2441>.



Palavras-chave: História social. Torto arado. Resistência.

The threads of *Torto arado*: intersectional perspectives in the narrative of Itamar Vieira Junior

Abstract: *Torto arado* (2019), by author Itamar Rangel Vieira Junior – PhD in Ethnic and African Studies – is an award-winning novel that explores themes such as freedom, servitude, work, and resistance within a Quilombola community in rural Bahia, at the *Água Negra* farm. Delving into the journey of the two protagonists, sisters Bibiana and Belonísia, the author offers a reflection and reminder that individuals, men and women, workers, carry the historical scars of a brutal past that resonate in contemporary social structures. The article discusses the portrayal of women in the novel, highlighting intersectional perspectives and the resistance of female characters, while also addressing the book's relationship with Brazilian regionalism, exploring transformations within the literary genre and its relevance to contemporary discussions. The analysis extends to the social history of labor, showcasing the experiences and resistance of Quilombola workers in their struggle for justice and freedom amid enduring relations of servitude and oppression within Brazilian society. Thus, it is imperative to acknowledge today the lack of public policies ensuring justice and true freedom for Afro-descendant and Indigenous peoples, underscoring the urgent need for actions that promote equity and preserve cultural diversity. Even though there are numerous studies on the book, we emphasize that there is still much to be debated, with the possibility of further expanding the understanding of the social and cultural issues presented by the author.

Keywords: Social History. Torto arado. Resistance.

Introdução

Quando deram liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era pra cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome.

(Itamar Rangel Vieira Junior, 2019, p. 220)

Liberdade, servidão e trabalho são palavras que balizam a narrativa construída por Itamar Rangel Vieira Junior em *Torto arado* (2018). Narrativa essa que, assim como a epígrafe, escancara a violência de uma sociedade pautada pela dominação e diferenciação do povo preto, e cujas estruturas ainda não se desgarraram das mazelas da escravidão. É nesse



ambiente de clausura e resistência que as protagonistas ganham corpo e ação, levando em suas mãos as marcas do trabalho na busca por conquistar aquilo que é seu de direito.

O livro foi vencedor do prestigiado prêmio *Leya* (2018), do *Oceanos* (2020) e também do *Jabuti* (2020), tendo sido aclamado principalmente por representar solidamente o meio rural baiano. Utilizando um enredo mágico e envolvente, a obra situa-se ao redor de uma comunidade quilombola do interior da Bahia, e conta a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia. Ao encontrarem uma faca antiga e enigmática na mala da avó, as duas sofrem um acidente, o qual conecta suas vidas e uma torna-se a voz da outra. Por serem filhas de trabalhadores rurais descendentes de escravizados, as irmãs passam a vida envoltas na árdua rotina de trabalho do campo e também nas tradições religiosas afro-brasileiras. Naturalmente, a forte relação das irmãs se dissipa com o tempo, devido principalmente à forma de agir e pensar sobre o que lhes é imposto. Enquanto Belonísia encontra na fazenda aquilo que lhe completa, como o trabalho com a lavoura e com a natureza, Bibiana sai de casa para tornar-se professora, decidindo lutar pelo direito à terra e pela emancipação de sua família e dos demais trabalhadores da fazenda.

O que se segue então é uma trama que destaca principalmente as mulheres como protagonistas, a qual escancara a violência que reina nos sertões brasileiros, abrindo rios de sangue num país em que a herança colonial ainda é vivida. Junto a isso, com simplicidade e maestria, a narrativa também nos leva às resistências e resiliências dessas comunidades rurais, as quais se agarram à vida através da mística Jarê, do direito à terra, da ancestralidade e do seu trabalho. É no terreno dessas experiências humanas, que o autor discute problemáticas que envolvem o funcionamento histórico e social do país, no que tange: diferenças entre cidade e campo³, desigualdades de gênero, formas de resistência das religiões de matriz africana e indígena, permanências e continuidades da escravidão e a exploração do trabalhador.

O autor do livro, Itamar Rangel Vieira Junior, nascido em Salvador em 1979, é doutor em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia. Além de escritor, é servidor público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), onde atua como Analista em Reforma e Desenvolvimento

³ As diferenças entre cidade/campo não estão sendo interpretadas aqui a partir das já batidas dicotomias da História Social, ou seja, apresentaremos apenas as interpretações das personagens narradoras sobre sua situação rural, nos distanciando das análises mais engessadas sobre o tema.



Agrário, buscando a regularização de territórios quilombolas. Sua visita à Chapada Diamantina para realização de sua pesquisa de doutorado - sobre a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste brasileiro -, como revelou em entrevista para o Roda Vida em 2021, embasou a história materializada em *Torto arado*. Essas visitas, aliadas com a inspiração nos romances da geração de 30 e 45⁴, embasaram o autor a escrever sobre a relação entre duas irmãs, seus pais e, principalmente, a terra; buscando, nas palavras do autor, “falar sobre a experiência humana” e retratar um “Brasil profundo”⁵ pouco conhecido (Vieira Junior, 2021).

A partir desse breve prelúdio sobre a obra, o artigo tem como principal objetivo realizar uma apresentação do romance *Torto arado*, suas características literárias, sua narrativa, personagens, cenários e conflitos, elencando problemas e abordagens possíveis para se pensar esse mesmo romance, em consonância com os estudos recentes sobre história social do trabalho. O argumento, portanto, se dará a partir de discussões sobre a figura feminina na obra, tendo como norte uma perspectiva interseccional; além disso, busca-se elaborar um breve comparativo entre a formação da classe trabalhadora brasileira - com suas nuances, embates e complexidades - e a obra.

É importante destacar que a pesquisa acadêmica dedicada ao estudo do romance tem experimentado um notável crescimento desde sua introdução no cenário nacional, conquistando presença especialmente na área da literatura⁶. Shirley de Souza Gomes Carreira, em seu artigo *Inscrições do real em Torto arado, de Itamar Vieira Junior*, comenta a partir de *Schøllhammer* que a literatura contemporânea deixou de buscar pela verossimilhança, preferindo outras formas de inscrição do real. Conforme a autora, o romance “aborda questões que se apresentam ao leitor como reconhecíveis no mundo hodierno, como o racismo e a servidão, porém deslocadas para um cenário rural, onde se mesclam o sólito e o insólito” (Carreira, 2021, p. 186); em tal cenário, o autor insere o efeito estético da leitura e permite ao leitor se envolver na realidade da narrativa. O insólito aqui, aliado às vozes narrativas, “mistura-se a um contexto engendrado na ficção para estabelecer

⁴ Alguns escritores (as): Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Érico Veríssimo, João Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Clarice Lispector, etc.

⁵ Sobre o termo, Vieira Junior reflete em sua entrevista, que o considera um conceito para expressar nossas origens, nossas raízes e ancestralidade (Vieira Junior, 2021).

⁶ Nota-se que não temos a pretensão de mapear e comentar todas as interpretações e trabalhos sobre o romance, mas sim de apresentar alguns dos trabalhos que julgamos serem de interesse para pensar o tema proposto, bem como a obra em geral.



a “impressão de realidade” que se concretiza na leitura, provocando um efeito de real mais intenso do que o realismo que se busca mimético” (Carreira, 2021, p. 196).

Na mesma esteira da literatura, Ana Karla Canarinos, em *A viagem das ideias ao Brasil e o regionalismo de Torto arado*, pensa o romance a partir da consolidação de seu gênero literário, o regionalismo. De acordo com Canarinos, o regionalismo pode ser interpretado como um efeito colateral dos ideais nacionalistas do mundo Velho, disseminados por “viajantes estrangeiros, como Bouterwek, Sismondi, Ferdinand Denis⁷ e Ferdinand Wolf” (Canarinos, 2023, p. 144). A partir das descrições dos espaços naturais e do clima utópico da América, Ferdinand Denis, em seu livro *Resumé de l’histoire du Brésil*, deu as bases necessárias para desenvolver o movimento conhecido como indianismo. Denis também atribui as viagens entre o Novo e Velho mundo como determinantes para a construção cultural dos países colonizados, sendo elas um elemento de formação da nação brasileira que não molda “apenas o imaginário dos europeus sobre o continente americano no período dos descobrimentos, como sobretudo moldou as nações colonizadas dentro do padrão cultural da metrópole” (Canarinos, 2023, p. 146). Dessa forma, o impulso nacionalista promove e cultua uma imagem desfigurada do indígena, fenômeno este que escorre para outras personagens, como o sertanejo no nacionalismo romântico.

A partir da década de 1960, a literatura brasileira deu maior visibilidade para as narrativas da cidade, em decorrência do crescimento populacional dos grandes centros, fazendo com que a literatura regionalista ficasse à margem (Canarinos, 2023). *Torto arado*, por outro lado, conseguiu resgatar o regionalismo do século XIX com uma nova roupagem⁸, agregando aos elementos conhecidos discussões concernentes à raça e ao feminismo, provenientes das teorias estadunidenses:

O debate em torno da etnicidade, pós-colonialidade e subalternidade desenvolvido no ambiente universitário norte-americano a partir da incorporação dos diversos conceitos de teóricos franceses, como Derrida, Barthes, Deleuze e Lyotard, vai determinar as discussões literárias e teóricas no Brasil a partir dos anos 2000 (Canarinos, 2023, p. 149).

⁷ Jean-Ferdinand Denis (1798-1890) foi um dos maiores nomes entre os viajantes e historiadores que pensaram a literatura e a história brasileira do século XIX.

⁸ O presente artigo não ignora a existência de outros regionalismos, como o romântico, o realista e o de 1930. Por questões da problemática proposta, optamos por não discutir as especificidades do gênero literário. Para mais, consultar o artigo de Abrão de Sousa, *Revisitando a Crítica: o Regionalismo Brasileiro* de 2021.



Dessa forma, o regionalismo de Vieira Junior desloca o enfoque que o gênero dava ao espaço da narrativa, tornando suas personagens aquelas que conduzem a trama. O espaço inóspito não é mais o causador de problemas, a falta de recursos e de assistência continuam presentes na trama, mas, diferentemente do tradicional, o espaço pode ser lido como um pano de fundo. Assim, as relações pessoais das personagens emergem, revisitando as querelas entre a sociedade patriarcal e racista com as mulheres narradoras, as quais dão o tom e o peso da história a partir da própria narrativa.

Outro trabalho de relevância, novamente na área da literatura, é a monografia de Kezia de Paiva Campos, *Torto arado e as relações de trabalho no Ambiente Rural*. A autora analisou o romance a partir da trajetória das protagonistas e das opressões sofridas por trabalhadores rurais. De acordo com Campos, a obra não discute as personagens de maneira individual, pois elas refletem “grupos sociais marginalizados e oprimidos ao longo do tempo” (Campos, 2023, p. 10), além de fazer parte da literatura nordestina, que “se desenvolveu como uma resposta à necessidade de retratar e valorizar a identidade do povo nordestino, enfrentando estereótipos e preconceitos históricos” (Campos, 2023, p. 21). É nesse cenário em que as relações de trabalho no ambiente rural aparecem, sendo um tema bastante rico para problematização.

São esses alguns dos elementos que nos permitem refletir e problematizar *Torto arado* para além de um objeto literário. A obra faz mais do que abordar o cotidiano de personagens quilombolas, ela escancara os sulcos profundos de um Brasil marcado a ferro pela escravidão e pelo preconceito, um Brasil onde o racismo e a servidão ainda se fazem presentes. Vieira Junior não apenas escreve um romance, mas traz uma reflexão e um lembrete de que sujeitos, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, carregam consigo as marcas históricas de um passado brutal que ecoam nas estruturas sociais contemporâneas.

Gênero, raça e classe em *Torto arado* - uma perspectiva interseccional

Ao destacar as permanências e a atualidade dos processos colonizadores de formação do Brasil, as personagens femininas de *Torto arado* nos revelam as dificuldades diárias das mulheres pretas na luta contra a sociedade racista, classista e patriarcal (Mattos, 2021). A



trama, narrada por três protagonistas femininas — as irmãs Bibiana e Belonísia e a entidade encantada Santa Rita Pescadeira — explora uma história marcada não apenas pela violência, mas também pela resistência e resiliência. Na primeira parte do livro, "*Fio de corte*", Bibiana compartilha a infância das irmãs, destacando a relação familiar e um incidente traumático envolvendo a descoberta de uma faca na mala da avó Donana. Do fascínio pelo objeto, ocorre um acidente, no qual Belonísia perde a língua e Bibiana torna-se sua porta-voz. A faca torna-se um elemento simbólico recorrente na narrativa, influenciando eventos importantes. Durante essa primeira parte do livro, Bibiana narra também o início de seu relacionamento amoroso com o primo Severo e como decidem partir da fazenda Água Negra, buscando melhores condições de vida e de trabalho, na ânsia de retornar posteriormente para ajudar o restante da família.

Após essa fuga de Bibiana, inicia-se a segunda parte, "*Torto arado*", narrada por Belonísia, abordando questões como a violência doméstica, a coragem da mulher do sertão e o vínculo da trabalhadora com a terra. A personagem narra a vida de casada nada fácil com Tobias, trabalhador com quem casou buscando ser amada e cuidada. Itamar constrói, a partir da história de Belô, a visão sobre um relacionamento abusivo baseado em poder e controle. A insatisfação de Tobias com qualquer ação da esposa torna-se violência verbal e psicológica, até escalar para uma tentativa de agressão física. Posteriormente, fica claro o alívio de Belonísia quando o marido morre, e sobre seu relacionamento relata que

Sabia que mesmo depois de muitos anos, carregaria aquela vergonha por ter sido ingênua, por ter me deixado encantar por suas cortêsias, lábia que não era diferente da de muitos homens que levavam mulheres da casa de seus pais para lhes servirem de escravas. Para depois infernizarem seus dias, baterem até tirar sangue ou a vida, deixando rastro de ódio em seus corpos. Para reclamarem da comida, da limpeza, dos filhos mal criados, do tempo, da casa de paredes que se desfaziam. Para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher (Vieira Junior, 2019, p. 136).

Durante a narração de Belonísia, Bibiana retorna para a fazenda com o marido, já professora e mãe, e Severo, uma figura de liderança e resistência para os trabalhadores de Água Negra. Ao aprofundar-se cada vez mais nos conflitos pelo direito à terra, Severo incomoda os novos donos da fazenda e é assassinado. A partir disso, inicia-se a terceira e última parte do livro, "*Rio de Sangue*", vista pela experiência da encantada Santa Rita Pescadeira, a qual aborda a disputa pela terra, as permanências da escravidão e as pequenas



resistências. A encantada narra os fatos como uma velha observadora, que acompanha o povo preto desde a diáspora forçada para o Brasil, sendo um artefato literário usado pelo escritor para reforçar as permanências históricas da escravidão e colonização.

Acudi uma mulher que incendiou seu próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos. Que davam a liberdade aos que seriam cativos, e muitas delas morreram também por isso. Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos que seriam vendidos. Vi um senhor cruel deitar com mulheres negras e abandonar seus corpos castigados à morte, como se quisesse expurgar o mal que o fazia cair (Vieira Junior, 2019, p. 207).

É através do olhar de Santa Rita que acompanhamos Bibiana tornando-se uma liderança após a morte do marido, e, com as outras personagens, luta para terem o direito de permanecer na fazenda e serem reconhecidos como quilombolas. Nos discursos proferidos por Bibiana e sua mãe Salustina, as duas reforçam o forte vínculo dessas mulheres com a terra, com a natureza e com os outros moradores da fazenda:

Eu nasci em Bom Jesus, mas também nasci de alguma forma nesta terra. Cheguei aqui moça e jovem. Aqui vivi, criei meus filhos, labutei com meu marido, vi meus vizinhos e compadres serem enterrados, lá no cemitério que vocês fecharam. Fui parida, mas também pari esta terra. Sabe o que é parir? A senhora teve filhos. Mas sabe o que é parir? Alimentar e tirar uma vida de dentro de você? Uma vida que irá continuar mesmo quando você já não estiver mais nessa terra de Deus? Eu pari esta terra [...] Esta terra mora em mim, brotou em mim e enraizou [...] No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e de seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim (Vieira Junior, 2019, p. 229-230).

A pesquisadora Anna Paula Dionísio Ramos (2022) destaca que *Torto arado* representa uma narrativa feminina distante daquelas comumente vistas em muitas escolas literárias brasileiras. De forma geral, as mulheres eram retratadas de uma forma descolada da realidade, não sendo protagonistas de suas ações, e tendo como auge de sua felicidade o casamento e a maternidade⁹. De forma contrária, Itamar utiliza as narradoras femininas, Bibiana, Belonísia e a encantada Santa Rita Pescadeira, para trazer voz a essas mulheres e contar suas experiências e revoltas (Ramos, 2022). Esses aspectos evidenciam-se através da

⁹ Existem diversos romances brasileiros que imprimem essa visão acerca da mulher, mas para exemplificar, Ramos (2022) cita dois clássicos da literatura brasileira, as obras *Memórias de um sargento de milícias* (1854) do escritor Manuel Antônio de Almeida e *Senhora* (1875) de José de Alencar.



construção, no livro, da complexidade da vida nas comunidades quilombolas, onde as mulheres desempenham papéis multifacetados – para além do doméstico e a criação dos filhos -, atuando como lavradoras, parteiras e curandeiras.

Há, então, nas mulheres da fazenda Água Negra uma materialidade que prende suas personagens ao terreno da realidade das experiências femininas, e como as relações de poder sobre elas estão entrelaçadas a essas outras variáveis como classe, gênero e raça, o que pode contribuir para uma melhor compreensão e debate do conceito de interseccionalidade. O professor e sociólogo Cristiano Rodrigues, em 2013, escreveu uma revisão sobre o conceito de interseccionalidade e sua aplicação nas pesquisas e práticas feministas do Brasil, conceito esse, criado por feministas pretas na década de 1980. Advindo da necessidade de significar a experiência e a luta dessas mulheres, que não encontravam seu espaço quer no debate antirracista, quer no debate feminista, buscaram definir a multidimensionalidade das opressões sofridas; as quais se reformulam mutuamente em raça, gênero, classe social e orientação sexual (Rodrigues, 2013). Sobre a interseccionalidade, a ativista Luiza Bairros (1995, p. 461) explica que

Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através da raça) e de ser mulher (vivida através do gênero) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? - já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação política uma não existe sem a outra (Bairros *apud* Rodrigues, 2013, p. 6-7).

Nos percalços e adversidades vividos por Belonísia e Bibiana, vemos o reflexo das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no Brasil, principalmente as mulheres pretas e pobres. A resistência contra a sociedade patriarcal, classista e racista é diária e se mostra nas pequenas atitudes. Desde a permanência de Belonísia na fazenda Água Negra, em que demonstra sua satisfação em ter uma roça “maior e mais bem cuidada que a de muitos homens”, até suas pequenas transgressões ao esconder os melhores legumes para si, como vemos na passagem a seguir

Quanta gente foi adentrando na solidão de meu rancho e foi dizendo que era uma roça bonita, que era maior e mais bem cuidada que a roça de muitos homens? Se admiravam quando viam que eu trabalhava sozinha. Com os olhos, mediam meu corpo de cima a baixo, se pudessem me fariam disputar uma queda de braço com os homens, só para saber se a força para revirar a terra, vinha dele mesmo. Sutério



[gerente da fazenda] passava rigorosamente toda semana e levava o que podia. Mas não o deixava levar o melhor, separava os legumes maiores para a casa. Mas se desse para dar aos animais, eu dava, só para não deixar que ele levasse meu suor, minhas dores nas costas, meus calos nas mãos e minhas feridas nos pés, como se fosse algo seu (Vieira Junior, 2019, p.152).

A partir do que foi apontado até o momento, *Torto arado* se mostra uma obra que reitera as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no Brasil profundo, destacando a importância dessa resistência, da solidariedade e da construção de uma narrativa feminina mais autêntica e representativa da realidade. Uma narrativa que reforça para essas mulheres a “força da natureza que abriga na torrente que flui de sua vida” (Vieira Junior, 2019, p. 260).

Experiência e resistência em *Água Negra*

Para nossa discussão, o romance de Vieira Junior está sendo pensado a partir de duas vertentes, sendo elas concordantes e igualmente válidas. De um lado, temos as análises puramente literárias e textuais – como apontado na introdução a partir das discussões de Canarinos (2023) – onde ocorre uma reestruturação do regionalismo, ganhando uma nova roupagem dentro do romance. Aqui, as mazelas sociais são vistas a partir das relações humanas e de classe, e não a partir do espaço – como era o regionalismo do XIX. Essa mesma característica, a de dar destaque aos embates sociais, às relações de servidão, ao trabalho e às práticas religiosas em detrimento do cenário inóspito, também nos serve de ponte para as discussões da história social do trabalho, principalmente naquilo que tange à experiência. Eric John Ernest Hobsbawm, em *Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre a Classe Operária*, nos faz lembrar que a história social do trabalho vai muito além das ortodoxas pesquisas sobre os sindicatos, das organizações políticas e dos partidos, onde os trabalhadores eram deixados de lado (Hobsbawm, 2000).

No artigo *Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho* (2006), Antonio Luigi Negro e Flávio Gomes comentam justamente sobre as novas questões formuladas a partir da chegada da historiografia social britânica em território nacional. Conforme os autores, o papel dos escravos e dos libertos, dos crioulos e africanos passou a ser revisto pelas novas



discussões teóricas, onde o escopo de análise da história social do trabalho passa a incorporar esses novos sujeitos (Negro; Gomes, 2006)¹⁰.

Portanto, além do autor se utilizar das teorias raciais formuladas inicialmente nos Estados Unidos (Canarinos, 2023), também se percebe a necessidade de dar voz para esses novos agentes, os trabalhadores e trabalhadoras quilombolas, personagens que despertam interesse da história social, além de fazerem parte de um conflito que está longe de ser resolvido, o conflito da terra¹¹. Segundo o artigo *BA – Conflitos no campo e chacina levam insegurança e medo à Comunidade Quilombola de Iúna*, do site *Mapa de Conflitos: Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil*, ocorreu um aumento no número de assassinatos de lideranças quilombolas nos últimos anos. A partir de dados coletados do Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos – DONDH, foi registrado um assassinato em 2015 e oito em 2016. No ano seguinte, a “Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – Conaq registrou 14 assassinatos de quilombolas até o mês de outubro, sendo sete apenas no território quilombola de Iúna” (Fiocruz, 2018). Embora nas reportagens originais os motivos que levaram às mortes não tenham sido revelados, o fato de seis das 14 pessoas mortas serem líderes quilombolas é suficiente para levantar a hipótese de conflito agrário (Fiocruz, 2018). Dessa maneira, pretendemos aqui uma breve discussão do romance, elencando algumas possibilidades de análise – que poderão ser desenvolvidas em trabalhos futuros e com maior profundidade – sobre as resistências de trabalhadores quilombolas.

Uma discussão incontornável para se pensar *Torto arado*, é a resistência. Quando o pai das protagonistas, Zeca, morreu, foi deixado em aberto um posto de liderança que poderia unir ou manter as relações entre as diferentes famílias que habitavam a fazenda. Esse posto, portanto, acabou sendo ocupado por Severo, primo e marido de Bibiana, que acabou fugindo com ela e desenvolvendo relações com sindicalistas. Severo está entre os personagens secundários mais importantes do romance, pois já em sua juventude percebia os problemas com a própria situação de trabalho em que ele e seus pais se encontravam.

¹⁰ A partir da década de 1970 temos a entrada de vários teóricos nas discussões da história social no Brasil, sendo alguns deles “Peter Eisenberg, Michael Hall e, mais tarde, Robert Slenes” (Negro; Gomes, 2006, p. 221). Obviamente não podemos nos esquecer da importância que as perspectivas antropológicas de E. P. Thompson contribuíram, e continuam contribuindo, para os estudos e pesquisas sobre grupos sociais.

¹¹ A título de complemento, ver o artigo de Carmélia Miranda, *Comunidades quilombolas do Brasil: desafios e perspectivas*, publicado em 2014.



Ele se sentia à vontade para falar sobre seus sonhos, tinha planos de estudar mais e não queria ser empregado para sempre da Fazenda Água Negra. Queria trabalhar nas próprias terras. Queria ter ele mesmo sua fazenda que, diferente dos donos dali, que não conheciam muita coisa do que tinham, que talvez não soubessem nem cavoucar a terra (Vieira Junior, 2019, p. 72).

Ao assumir aos poucos a figura de líder, Severo não está apenas herdando as responsabilidades de discutir sobre as relações de servidão e os direitos dos trabalhadores, mas personifica também a história de resistência e a memória de todos os que buscaram alçar voo contra as correntes do trabalho. Por ser o porta-voz da resistência e conseguir reunir diversos aliados, Severo também fez inimigos, o que culmina para seu trágico assassinato¹². A encantada Santa Rita Pescadeira comenta o ocorrido, dizendo que “Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam havia muito tempo naquele lugar” (Vieira Junior, 2019, p. 207).

Mas não é a partir de Severo que surgem os primeiros questionamentos da vida que levavam. Ainda na primeira parte do romance temos descrições de como eram organizados alguns dos eventos que faziam parte do cotidiano dos trabalhadores da região, sendo o dia de São Sebastião, o santo de devoção do pai das protagonistas, a maior das festas, pois também celebrava o aniversário de Zeca Chapéu Grande. É também nesse momento do romance que temos uma das primeiras discussões a respeito das relações de servidão entre os moradores da fazenda. Durante a festa, Bibiana e Belonísia escutam a conversa das filhas de dona Carmeniúza e dona Tonha, onde comentavam sobre os eventos recentes, de quando os patrões vieram visitar as roças da fazenda, levando sacos de batata de todas as casas.

“Mas as batatas do nosso quintal não são deles”, alguém dizia, “eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas de chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores” – disse Santa, arregalando os olhos para mostrar sua revolta. “Que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana.” Poderiam muito bem comprar batata e feijão no armazém ou na feira da cidade. Nós é que não conseguiríamos comprar nada, a não ser quando vendíamos a massa do buriti e o azeite de dendê, escapulindo dos limites da fazenda sem chamar atenção (Vieira Junior, 2019, p. 44).

¹² Severo constantemente reforça seu discurso de liberdade, onde os trabalhadores querem “decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresce com o trabalho de nossas famílias” (Vieira Junior, 2019, p. 187).



Por fim, concluem que “a terra é deles. A gente que não dê que nos mandam embora. Cospem e mandam a gente sumir antes de secar o cuspo” (Vieira Junior, 2022, p. 44). Isso demonstra que a consciência da situação opressora em que se encontravam já era um elemento presente no cotidiano dos trabalhadores, sendo Severo aquele que amplifica esse eco, o transformando em um grito de revolta e em luta por justiça¹³. Severo não é um personagem que, a partir de um processo ‘mágico’, criou a consciência de classe na fazenda, da mesma forma como coloca Edward Palmer Thompson em sua famosa resposta crítica ao pensamento de Althusser, dizendo que a “experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres [...] são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo” (Thompson, 1981, p. 16).

A discussão observada pelas protagonistas em sua juventude serve de norte para perceber que as relações culturais e de sociabilidade entre os trabalhadores rurais lhes permitiam pequenas resistências – apesar das condições de servidão em que se encontravam. Outra passagem que demonstra o argumento é quando Zeca Chapéu Grande, o então líder religioso e também aquele que mediava os conflitos da fazenda, fez valer de sua autoridade para que o prefeito cumprisse com sua palavra, a de construir uma escola na fazenda. Zeca, sendo um grande curador, em algum momento havia atendido um dos filhos do homem, recusando qualquer tipo de pagamento em espécie, mas lhe fazendo prometer que ajudaria em sua requisição. Desde então, o prefeito aparecia de quando em quando nas brincadeiras de jarê, e estava presente na noite de santa Bárbara¹⁴, quando Zeca, na frente de todas as 40 famílias da região, cobra que a promessa seja cumprida, conseguindo o efeito desejado.

Mesmo que esteja presente em alguns momentos marcantes de mudança na fazenda, as questões religiosas não são apenas planos de fundo para embasar as ações dos sujeitos, mas também podem ser encaradas a partir de maneiras válidas de resistência, pois permitiam aos indivíduos sua “liberdade” dentro do sistema de servidão. Todos esses

¹³ Quando voltamos nossos olhares para a história das resistências, revoltas e revoluções, é comum percebermos a presença de personagens de liderança que organizam e encabeçam os ideais de um grupo: Toussaint Louverture na colônia de São Domingos, atual Haiti, João de Mattos e suas revoltas organizadas de padeiros no Rio de Janeiro e em São Paulo, etc.

¹⁴ Santa Bárbara é uma encantada que tomava o corpo de Zeca, que a interpretava por meio da dança que fluía ao som dos atabaques, vestindo uma “saia vermelha e branca [...] e com o rosto encoberto pelo adê lustroso, ornado de contas vermelhas, [saindo] empunhando a espada de madeira feita por ele mesmo” (Vieira Junior, 2019, p. 64).



exemplos são importantes para percebermos que existe na obra a representação da experiência de classe, que “é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente” (Thompson, 1989, p. 10), sendo a consciência de classe a “forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (Thompson, 1989, p. 10).

Como discutido anteriormente, a terceira parte do romance, *Rio de Sangue*, é onde a encantada toma conta do papel de narradora, mas essa narração vai além de descrever os acontecimentos finais da história, ela nos revela as permanências raciais e trabalhistas que sobreviveram do Brasil escravista. O autor busca, por meio da personagem, explorar mais do cenário que levou os povos escravizados a se manterem em situações de vulnerabilidade social, apesar da abolição da escravatura em 1888. Recorrendo novamente à epígrafe, Bibiana relembra que “Quando deram liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. [...] A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade” (Vieira Junior, 2019, p. 220). A história de *Água Negra* é também a história do povo preto, da luta por condições dignas de trabalho, de homens e mulheres que sobreviveram contra os garimpos, as lavouras de cana-de-açúcar e contra o preconceito, é uma “história triste, mas bonita” (Vieira junior, 2019, p. 243), e que nos relembra que o passado não pode ser esquecido.

Considerações finais

Em síntese, *Torto arado* de Itamar Rangel Vieira Junior é uma envolvente tapeçaria que explora as intrincadas relações de liberdade, servidão e trabalho nas vidas das protagonistas, Bibiana e Belonísia. O autor, ao destacar as fissuras de uma sociedade enraizada na dominação e herança da escravidão, proporciona uma visão crítica das disparidades sociais, das desigualdades de gênero e da resistência das tradições afro-brasileiras. Ao situar a trama em uma comunidade quilombola na Bahia, o livro oferece uma perspectiva única sobre as lutas dessas comunidades rurais, transcende a ficção para refletir sobre as marcas históricas nas estruturas sociais do Brasil. Além disso, ao abordar temas contemporâneos como racismo e servidão em um contexto rural, *Torto arado* se debruça



sobre a reflexão profunda da experiência humana e as cicatrizes históricas que ecoam no presente. A obra destaca a força das mulheres pretas, desafiando estereótipos e oferecendo uma voz poderosa contra as opressões de uma sociedade racista, classista e patriarcal. Contudo, é imperativo reconhecer ainda hoje a falta de políticas públicas que assegurem a justiça e a verdadeira liberdade dos povos afrodescendentes e indígenas, evidenciando a necessidade urgente de ações que promovam a equidade e a preservação da diversidade cultural. Mesmo existindo diversas pesquisas sobre o livro, destacamos que há ainda muito a se debater sobre, sendo possível ampliar ainda mais a compreensão das questões sociais e culturais apresentadas pelo autor.

Referências

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, p. 145-158, 1998.

CAMPOS, Kézia de Paiva. **Torto arado e as relações de trabalho no ambiente rural**. Monografia (Licenciatura em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 35f, 2023.

CANARINOS, Ana Karla. A viagem das ideias ao Brasil e o regionalismo de *Torto arado*. **Remate de Males**: Campinas, v. 43, n. 1, p. 142-156, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8672783>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Inscrições do real em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior. **Revista e-escrita**: Belford Roxo, v. 12, n. 1, p. 184-198, 2021.

DE SOUSA, Abrão. Revisitando a Crítica: o Regionalismo brasileiro. **Humanidades & Inovação**: v. 8, n. 60, p. 8-17, 2021.

FIOCRUZ. **Mapa de Conflitos: Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil - Conflitos no Campo e Chacina Levam Insegurança e Medo à Comunidade Quilombola de Iúna**. Atualizado em setembro de 2018. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-conflitos-no-campo-e-chacina-levam-inseguranca-e-medo-a-comunidade-quilombola-de-iuna/>. Acesso em: 9 fev. 2024,

HOBSBAWM, Eric John Ernest. **Mundos do Trabalho**: Novos Estudos sobre a Classe Operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MATTOS, Ricardo Mendes. O processo de criação de *Torto arado*: o agente público, o cientista e o escritor. **Rotura**: Portugal, v. 2, n. 51, p. 49-57, 2021.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Comunidades quilombolas do Brasil: desafios e perspectivas. **Cordis**: São Paulo, n. 11, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/19805>. Acesso em: 9 fev. 2024.



NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. **Tempo social**: São Paulo, v. 18, p. 217-240, 2006.

OLIVEIRA, Thallys; FERREIRA, Ana Emília. Subalternidade racial em Torto arado: do silêncio à resistência. **Letrônica**: Porto Alegre, v. 14, n. 3, 2021.

RAMOS, Anna Paula Dionísio. **Representações de mulheres no Romance “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior**. Monografia (Licenciatura em Letras), Instituto Federal da Paraíba, 37f, 2022.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Prefácio, p. 9-14, 1989.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, p. 13-17 e p. 180-200, 1981.

VIEIRA JUNIOR, Itamar Rangel. **Currículo Lattes: Itamar Rangel Vieira Junior**. Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1301428134219137>. Atualizado em 2018.

VIEIRA JUNIOR, Itamar Rangel. **Entrevista ao Programa Roda Viva**. TV Cultura. fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MU9iUc2UHBQ>. Acesso em: 21 jan. 2024.

VIEIRA JUNIOR, Itamar Rangel. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 1. ed., 2019.

